

**PITIOSE EQUINA NO ESTADO DO PARANÁ – Primeiro Relato de Caso
(Equine pythiosis in the Parana state, Brazil - A case report)**

LUVIZARI, F.H.¹; LEHMKUHL, R.C.²; SANTOS, I.W.³

¹Acadêmico de Medicina Veterinária da UFPR, Campus Palotina(PR);

²Clínica de Ruminantes, UFPR, Campus Palotina(PR);

³Teriogenologia, UFPR, Campus Palotina (PR).

RESUMO – Descrição de evidências clínicas de pitiose cutânea, observadas em um equino, proveniente do município de Guaraniaçu, no sudoeste do Estado do Paraná. Esse animal apresentava uma única lesão na região abdominal, com característica ulcerativa e granulomatosa, e no centro dessas corais marinhos, denominadas de kunkers, rica em secreções semelhantes a sanguessugas. Os meios de diagnósticos basearam-se no exame clínico e histopatológico.

Palavras chave: Equino, pitiose, kunker.

ABSTRACT – The aim of this paper is a case report on clinical evidencies of a cutaneous pythiosis found in a horse from Guaraniaçu, Southwest of the State of Paraná. The animal had just one isolated lesion on the abdominal region, with a granuloma and an ulcerative aspect displaying at the center coral-like structures or kunkers, similar to leeches, rich in secretions. The diagnosis of pythiosis was based on the clinical and histopathological examinations.

Key words: Equine, pythiosis, kunker.

Introdução

Existem muitas etiologias de lesões cutâneas nos equinos. Uma delas é a pitiose, definida por MILLER (1981). A pitiose também é conhecida como ficomicose, câncer palustre, sanguessugas dos cavalos da Flórida, hifomicose ou ainda por kunker. Está muitas vezes associada aos climas tropicais e subtropicais presentes nas diversas áreas do globo, onde em regiões alagadas ou palustres, os animais passam grandes períodos do dia pastando dentro da água. Nessas condições de temperatura e umidade, o desenvolvimento do agente causador da pitiose, o *Pithyium insidiosum*, um fungo da família Pythiaceae, é extremamente favorecido, proporcionando ao mesmo, oportunidade de se multiplicar, invadir e lesar tecidos cutâneos dos animais, no caso os equinos que fornecem essas condições aos microrganismos (MILLER, 1981; MENDONZA e AJELLO, 1996). A esse fungo, é atribuído o poder

de causar uma grave reação piogranulomatosa ao alastrar-se pelos tecidos, sendo essa expansão rápida com a formação do tecido de granulação e hemorragia. Essa perda sangüinea pode ser suficiente para causar quadros de anemia nos animais acometidos (KNOTTEBELT e PASCOE, 1998).

As lesões geralmente se localizam no ventre ou nas extremidades distais dos animais, locais esses, em maior contato com ambientes úmidos por ocasião da entrada dos animais em rios e regiões alagadiças. As lesões podem aparecer isoladas ou múltiplas (KNOTTEBELT e PASCOE, 1998; TABOSA *et al.*, 1999), iniciando pequenas e com aspecto inofensivo, de forma circular, podendo aumentar sobre uma área que estava apenas tumefeita, de maneira ulcerativa. Em função da proliferação tecidual exacerbada, os tecidos circunvizinhos atingidos podem disseminar-se até mesmo para os vasos linfáticos e linfonodos regionais, podendo em alguns casos chegar até a cavidade abdominal (KNOTTEBELT e PASCOE, 1998).

Ainda macroscopicamente, segundo BRIDGES e EMMONS (1961); CHAFFIN *et al.*, (1995) e MENDONZA e AJELLO (1996), a lesão demonstra intensa proliferação de tecido esbranquiçado em forma sinuosa, com ramificações com bordos escuros e repletas internamente de material amarelado em forma de coral marinho, conhecido como kunker, apresentando ainda material necrótico friável, observado somente em eqüinos. Microscopicamente os kunkers são grandes massas eosinofílicas, formadas ainda por restos celulares necróticos, inclusive colágeno, e as hifas do *Pythium insidiosum* localizam-se na margem dessas estruturas (TABOSA *et al.*, 1999). A principal manifestação clínica desse distúrbio é a eliminação abundante de corrimento serossanguinolento, mucopurulento e filamentososo, sendo esses chamados de sanguessugas em função de seu aspecto serpejante, cujos trajetos drenantes representam os núcleos de tecidos necrosados contendo o organismo.

Existem relatos nacionais de casos de pitiose nos estados do Rio Grande do Sul (SANTOS e LONDERO, 1974; CARVALHO *et al.*, 1984), no Mato Grosso do Sul (LEAL *et al.*, 1996) e no semi-árido paraibano em eqüinos e muares (TABOSA *et al.*, 1999).

Relato do Caso

Relata-se aqui a ocorrência de caso de pitiose, onde um animal do sexo feminino, da raça Quarto de Milha, 6 anos, utilizada em competições, dando entrada no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná, *Campus* Palotina, proveniente do município de Guaraniaçu, sudeste do Paraná. A condição corporal do animal era boa (ECC 3,5) e o desconforto pela lesão não se mostrava evidente (FIGURA 1). O animal foi avaliado, e após os exames clínicos rotineiros coletou-se material para exame histopatológico.

FIGURA 1 – ÉGUA DA RAÇA QUARTO DE MILHA, SEIS ANOS, ONDE SE OBSERVA A LESÃO DA PTIOSE. PALOTINA (PR), 2002.



A égua apresentava lesão focal, em torno de 40 x 60 cm, circular, na região abdominal ventral mais direcionada para o flanco direito, e progredindo até pouco mais de 20 cm da linha alba em sentido ao flanco esquerdo. A região periférica à lesão mostrava-se tumefeita e edemaciada, sendo o centro da lesão

uma grande massa ulcerada e onde as secreções serossanguinolentas e mucopurulentas se distribuíam. A presença dos corrimentos em forma de sanguessugas (FIGURA 2) e os infiltrados eosinofílicos, chamados kunkers, eram evidentes e pronunciados, conotando a lesão

aspecto repudiante e odor desagradável. O diagnóstico macroscópico presuntivo de pitiose é descrito por (BRIDGES e EMMONS, 1961; CHAFFIN *et al.*, 1995; MENDONZA e AJELLO, 1996).

FIGURA 2 – SECREÇÃO SEROSSANGUIOLENTA ASSEMELHANDO-SE A SANGUESSUGAS.



Foram coletados fragmentos teciduais medindo cerca de 2x2cm e evidenciando os seguintes aspectos: fragmentos da periferia da lesão, fragmentos centrais, fragmentos mais profundos contendo material já caseoso em sua formação, fragmentos mais superficiais contendo apenas pouco tecido e mais corrimento. Todas as amostras foram armazenadas em frascos âmbar com formol a 10% e enviados para o Laboratório de Patologia Animal. O método de coloração utilizado e a técnica foram de fixação em prata. O laudo do exame complementar indicou presença de focos necróticos circundados por eosinófilos e neutrófilos posicionados mais externamente ao tecido de granulação e fibrose concordando com os achados de TABOSA *et al.* (1999). No processo de impregnação pela prata evidenciou-se a presença de hifas nas áreas necróticas, confirmando o diagnóstico de pitiose.

O diagnóstico diferencial deve ser feito para afecções cutâneas fúngicas como a

conidiobolomicose e a basidiobolomicose, ou ainda o granuloma bacteriano, a habronemose cutânea, tecidos de granulação exuberante, reações de corpo estranho, sarcóides e outras neoplasias, existindo a possibilidade de serem encontrados em uma mesma lesão vários dos itens mencionados anteriormente, sendo então necessária a avaliação clínica cuidadosa e a realização de biópsias e culturas (KNOTTEBELT e PASCOE, 1998).

Referências

- BRIDGES, C.H.; EMMONS, C.E. A phycomycosis of horse caused by *Hyphomyces destruens*. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v. 138, p. 579-89, 1961.
- CARVALHO, E.C.D.; ROSA, C.A.R.; CRUZ, C.H. *et al.* Hyphomyces destruens: agente da ferida brava (Hifomicose) em equinos do pantanal do MT. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA VETERINÁRIA, 1984. Belém – PA. **Anais...**1984. p. 311.

- CHAFFIN, M.K.; SCHUMACHER, J.; McMULLAN, W. Cutaneous pythiosis in the horse. **Veterinary Clinics of North American: Equine Practice**, v. 11, 1995.
- KNOTTEMBELT, D.C.; PASCOE, R.R. **Afeções e distúrbios do cavalo**. Barueri, SP, Editora Manole, 1998, 432p.
- LEAL, A.T.; MONTEIRO, A.B.; NOMURA, L. D. *et al.* Pitiose bovina: primeiro caso no Brasil. In: JORNADA INTEGRADA DE PESQUISA, EXTENSÃO E ENSINO, 1996, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 1996. p. 652.
- MENDONZA, L.; AJELLO, M.R.M. Infections caused by the oomycetous pathogen *Pythium insidiosum*. **Journal of Mycology Medicine**, v. 6, p. 151-164, 1996.
- MILLER, R.I. Treatment of equine phycomycosis by immunotherapy and surgery. **Australian Veterinary Journal**, Artamon, v. 57, p. 377-382, 1981.
- TABOSA, I.M.; MEDEIROS, V.T.; DANTAS, A.F.M.; AZEVEDO, E.O.; MAIA, J.C. Pitiose cutânea em equídeos no semi-árido da Paraíba, **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 51, n.1, p. 27-30, 1999.
- SANTOS, M.N.; LONDERO, A.T. Zigomicose subcutânea em cavalos. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 9, p. 7-8, 1974.

Recebido para publicar: 10/08/2002
Aprovado: 20/10/2002